

JORNAL DE BRASÍLIA

Econ. Brasil

2 • Quarta-feira, 22/9/93

Opi

Os brasileiros e o pacote

Depois de romper o ano com 27% e de ter passado dois meses estacionada em torno de 25%, em fevereiro e março, a inflação brasileira começou nova escalada, lenta mas persistente. Andamos hoje por volta de 35% ao mês, e os sinais de que a sociedade começa a ficar impaciente com a política gradualista do ministro da Economia, Fernando Henrique Cardoso, são muitos. Revista de circulação nacional fez uma pesquisa que constatou esta impaciência: 80% dos brasileiros acham que o ministro da Economia tem de fazer - ou já deveria ter feito - imediatamente algo que dê uma "paulada" na inflação, como, aliás, o próprio ministro vem prometendo.

A impaciência não fica apenas por conta dos brasileiros. O Fundo Monetário Internacional, que já viu ser rasgada uma dezena de cartas-compromisso assinadas com o Brasil no último decênio, aguarda a visita do ministro Fernando Henrique Cardoso. A tática do ministro brasileiro, dizem, será a de ganhar tempo. No entanto, é pouco provável que Fernando Henrique Cardoso tenha por lá o êxito que vem obtendo aqui nas entrevistas coletivas com sua reconhecida capacidade de disparar frases de efeito. O FMI quer números. Há muitos anos o Fundo Monetário Internacional exige números para o Brasil, que apresenta relatórios e perspectivas logo desmanchados pela inflação persistente. Continuam em jogo, nesses tratos com o FMI, recursos da ordem de 2,2 bilhões de dólares, retidos lá porque o País não cumpre metas acertadas.

O ministro da Agricultura, Andrade Vieira, aumentou a fervura ao dizer que o

Governo agora estuda um redutor de preços que poderia ser acordado com a sociedade, a exemplo do que foi feito com os salários. Tudo começaria com o achatamento das tarifas públicas. A idéia é louvável, mas os vários arrochos das tarifas públicas, como se sabe, serviram apenas, de um lado, para destruir as estatais e, de outro, para beneficiar os grandes consumidores dos serviços públicos, como energia. Além disso, hoje, infelizmente, a relação entre Governo e empresariado é de desconfiança.

Ninguém discorda de tudo que vem sendo feito por Fernando Henrique Cardoso. Ele vem presidindo, como alguns de seus antecessores, a desmontagem de uma série de empecilhos, pequenas bombas inflacionárias. Entre elas, o reescalonamento das dívidas dos estados e municípios, a separação das contas do Tesouro e do Banco Central e, por fim, a propalada unificação do câmbio. O que impacienta os brasileiros é que o combate final acaba sendo, sempre, postergado. Fala-se agora na grande revolução fiscal que viria embutida na reforma constitucional. Mas 60% dos brasileiros acham que o Governo já deveria ter "editado" um pacote e 20% acreditam que este pacote terá de vir nos próximos 30 dias.

O Brasil deverá crescer este ano cerca de 5%. Este será um dos principais argumentos do ministro da Economia ao ser sabatinado no Fundo Monetário Internacional. É verdade. Mas melhor seria se este crescimento viesse sem inflação. Aí, sim, poderíamos chegar aos 10% obtidos por Argentina e Chile, e deixaríamos de ser o peso morto que fomos, ano passado, para toda a América Latina.